

Michel de Montaigne

P E N G U I N



C L Á S S I C O S

Da Amizade

N.º 6

«É de facto
verdade que
a amizade
representa,
na sociedade,
o mais alto
grau de
perfeição.»

MONTAIGNE

Nasceu em 1533, Saint-Michel-de-Montaigne, França

Morreu em 1592, Saint-Michel-de-Montaigne, França

Da Amizade é um dos mais conhecidos ensaios
do pensador Michel de Montaigne,
publicado em 1580, em homenagem ao seu
grande amigo Étienne de la Boétie.

Índice

Da Amizade	7
Notas de Tradução	53

Contemplando o trabalho de um pintor que empregava em minha casa, assaltou-me o desejo de observar como procedia ele à sua obra. Escolheu primeiro o lugar mais belo, no centro de cada parede, para aí pintar um motivo com toda a destreza de que era capaz; depois, preencheu os espaços vazios em redor com arabescos, pinturas de pura fantasia, que apenas agradam pela sua variedade

e singularidade. Assim sucede também aqui: o meu livro compõe-se apenas de assuntos bizarros, fora do que se costuma ver, formados de fragmentos reunidos, sem caráter definido, sem ordem nem sequência, ajustando-se uns aos outros por mero acaso: *«É o corpo de uma mulher bela, com uma cauda de peixe» (Horácio)*. Quanto a este segundo ponto, fiz, pois, como o meu pintor; mas, quanto à outra parte do trabalho — a melhor —, fico aquém: o meu engenho não me permite ousar emprender um quadro rico, elegante, elaborado segundo todas as regras da arte. Por isso me atrevi a tomar de empréstimo um de Étienne de La Boétie, o qual dará à minha obra mais honra do que tudo o resto. É um discurso que ele intitulou

A Servidão Voluntária, mas que outros, ignorando esse título, rebatizaram mais tarde, e com justa razão, *O Contra Um*.¹ La Boétie escreveu-o, na flor da juventude, como exercício em honra da liberdade e contra a tirania. Há já muito que esse discurso anda em mãos de pessoas graves, entre as quais goza de reputação muito justamente merecida, pois revela uma nobreza e uma argumentação das mais rigorosas que se possam conceber. Não é que o autor não pudesse ter feito ainda melhor; e se, na idade mais avançada em que travei conhecimento com ele, tivesse concebido, como eu, o desígnio de escrever os seus pensamentos, ter-nos-ia deixado obras assaz notáveis, que se haveriam aproximado muito daquelas de que

a Antiguidade mais se honra; pois, neste particular, era dotado de tal modo que não conheço ninguém que se lhe possa comparar. Este discurso, que ele nunca reviu, creio eu, desde o tempo em que o compôs, é a única coisa que dele nos resta e, ainda assim, apenas por acaso, juntamente com algumas memórias acerca desse édito de janeiro, tão célebre na história das nossas guerras civis, memórias que talvez encontrem o seu lugar noutro contexto. É tudo quanto, fora do catálogo das obras que possuía e que publiquei, pude recolher do que deixou — eu, a quem, por uma tão afetuosa atenção, prestes a exalar o último suspiro, legou a sua biblioteca e os seus papéis. Por isso, sinto por esta peça um apego particular,

tanto mais por haver sido ela o ponto de partida das nossas relações. Fora-me comunicada muito antes de eu haver visto o autor, e pela primeira vez me deu a conhecer o seu nome, preparando assim a amizade que nos uniu e que durou enquanto aprouve a Deus — inteira e perfeita — de tal modo que, por certo, houve poucas semelhantes nos tempos passados, e não há vestígio de outra igual entre os homens da nossa época. Tantas circunstâncias são necessárias para que este sentimento chegue a tal grau, que já é muito se, em três séculos, sucede uma única vez.

A natureza parece haver-se empenhado com particular cuidado em nos inculcar o desejo de viver em sociedade, e Aristóteles diz que os bons legisladores

se interessaram ainda mais pela amizade do que pela justiça. É de facto verdade que a amizade representa, na sociedade, o mais alto grau de perfeição. De modo geral, todas as afeições a que damos esse nome — nascidas da satisfação dos nossos prazeres, das vantagens que delas tiramos, ou de associações formadas em vista dos nossos interesses públicos ou privados — são tanto menos belas, menos generosas e tanto menos participam da verdadeira amizade, quanto mais têm outras causas, outros fins e outros resultados que não os seus. Essas afeições, que antigamente se classificavam em quatro categorias — segundo fossem ditadas pela natureza, pela sociedade, pela hospitalidade ou pela necessidade dos sentidos —, nem no seu

conjunto, nem tomadas separadamente, realizam o ideal da amizade.

Nas relações dos filhos com os pais, é antes o respeito que predomina. A amizade requer um contínuo intercâmbio de pensamentos, o qual não pode reinar entre eles, devido à grande diferença que existe em todos os aspetos; tal intercâmbio poderia, por vezes, ferir os deveres recíprocos que a natureza lhes impôs, pois nem todos os pensamentos íntimos dos pais se podem comunicar aos filhos — e daí poderiam nascer familiaridades impróprias. Mais ainda, os filhos não podem dar conselhos nem repreender os pais, o que é uma das primeiras obrigações da amizade. Em certas nações, era costume que os filhos matassem os pais;

noutras, eram os pais quem matava os filhos, para evitar que, como por vezes sucede, se viessem a embaraçar mutuamente. Aliás, pela própria natureza das coisas, não é a morte de um a completa emancipação do outro? Encontraram-se filósofos que afetaram desprezar por completo os laços de sangue. Aristipo, por exemplo — quando lhe falaram da afeição que devia aos filhos, saídos de si —, pôs-se a cuspir, dizendo que também isso saía dele; e acrescentava que, se geramos filhos, também geramos piolhos e vermes. Outro, a quem Plutarco procurava reconciliar com o irmão, respondeu-lhe: «Não é por ter saído do mesmo buraco que eu que lhe tenho mais apreço.» Concordo que «irmão» é um belo nome, testemunho

de grande afeição; e foi por essa razão que La Boétie e eu o usámos um para com o outro, quando nos ligámos. Mas, na realidade, a comunhão de interesses, a partilha dos bens, a pobreza de um, consequência da riqueza do outro, abrandam consideravelmente a união fraterna; e sendo os irmãos obrigados, para seguirem o seu caminho neste mundo, a trilhar a mesma senda e a marchar a par, é inevitável que se choquem e se contrariem muitas vezes. Mais ainda, é a conformidade de gostos e de relações que engendra essas amizades verdadeiras e perfeitas; ora, não há motivo para que tal se encontre aqui. O pai e o filho podem ter gostos absolutamente diversos; os irmãos, também. É meu filho, é meu parente — não deixa por isso de ser

um homem insociável, um malvado, um tolo. Nas amizades que nascem da lei, de obrigações naturais, a nossa vontade não se exerce livremente; não resultam de uma escolha nossa. E, de tudo quanto procede do livre-arbítrio, nada depende mais exclusivamente dele do que a afeição e a amizade. Não que eu não tenha podido, deste ponto de vista, conhecer tudo o que possa haver nesse género de laços; pois o meu pai foi o melhor dos pais que jamais houve, o mais indulgente, e tal permaneceu até à extrema velhice. A nossa família era reputada pela excelência das relações que sempre existiram entre pai e filhos, e pela concórdia exemplar entre irmãos: *«Conhecido eu próprio pelo amor paternal para com os meus irmãos» (Horácio).*

O nosso afeto pelas mulheres, ainda que nasça da nossa escolha, não pode ser comparado à amizade, nem ocupar o seu lugar. Nos seus ímpetos, confesso-o — *«pois não me é desconhecida a deusa que mistura uma doce amargura às penas do amor» (Catulo)* —, é mais ativo, mais agudo, mais áspero; mas é um fogo temerário e volúvel, ondulante e variado, fogo de febre que tem os seus acessos, que declina e que apenas nos possui numa parte de nós mesmos. O calor da amizade estende-se a todo o nosso ser: é universal, mas temperado e sempre igual; é um calor constante e sereno, soberanamente doce e delicado, que nada tem de áspero nem de excessivo. O amor é, sobretudo, um desejo violento daquilo que nos foge: *«Tal qual o caçador*

que persegue a lebre ao calor e ao frio, por montes e vales; tanto a deseja enquanto ela foge; alcançada, logo a despreza» (Ariosto).

Tomando as formas da amizade — o que sucede quando se estabelece o acordo das vontades —, o amor enfraquece e cai em languidez; a fruição extingue-o, porque o seu fim é carnal e a saciedade o apazigua. A amizade, ao revés, acentua-se com o desejo que dela se tem; eleva-se, desenvolve-se e cresce com a fruição, porque é de essência espiritual, e o uso refina a alma. De par com essa amizade perfeita, conheci outrora essas afeições passageiras — sobre as quais não insistirei, pela razão que tão bem descrevem os versos que acabo de citar; experimentei ambas essas paixões, simultaneamente, cientes

uma da outra, mas nunca postas em paralelo: a primeira, repleta de nobreza, mantendo-se sempre nas regiões elevadas, desdenhosa da outra, que passava quase despercebida, longe, muito longe, abaixo dela.

Quanto ao matrimónio, além de ser um contrato cuja entrada apenas é livre e dependente da nossa vontade, ao passo que a sua duração indefinida nos é imposta, conclui-se geralmente em vista de fins inteiramente outros e de mil incidentes estranhos, que irrompem de improviso, nele se intrometem e bastam para perturbar o curso da mais viva afeição e romper o fio a que se prende; já quando se trata de amizade, nada de alheio intervém — não está em causa senão ela, ela somente.



P E N G U I N
L I T T L E B L A C K
C L A S S I C S

P E N G U I N  C L Á S S I C O S

N.º 6

Da Amizade

O que haverá de mais belo que um encontro
de almas em vida de tal forma profundo
e recíproco que um se acha no outro?



Penguin
Random House
Grupo Editorial

www.penguinlivros.pt

  penguinlivros

ISBN: 978-989-589-610-3



9 789895 896103